

FORMAÇÃO ESTÉTICA E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CÍRCULO DE ESTUDO E PESQUISA FIAR

*AESTHETIC TRAINING AND TEACHING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AN ANALYSIS
OF THE PRODUCTION OF THE FIAR STUDY AND RESEARCH CIRCLE*

 <https://orcid.org/0000-0003-0782-2149> José Firmino de Oliveira Neto^A

 <https://orcid.org/0000-0002-5018-8983> Carla Andréa Corrêa^B

 <https://orcid.org/0000-0001-5305-9979> Daiane Francisco de Medeiros^C

^A Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

^B Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (FAETEC), Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

^C Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 19 set. 2025 | Aceito em: 15 out. 2025

Correspondência: José Firmino de Oliveira Neto (josefirminol@ufg.br)

Resumo

Na atualidade, acompanhamos considerável avanço na legislação referente à Educação Infantil, que concebe a criança como uma produtora de cultura, visto que se apropria do mundo e se expressa por meio de múltiplas linguagens. Tal concepção tem sua contrapartida na prática docente e, conseqüentemente, na formação, cujos aspectos artístico-culturais, reconhecidamente relacionados à dimensão estética, são elementos decisivos. Mas, em que consiste reconhecer a dimensão estética da formação? Essa questão funda a produção deste artigo, cujo objetivo é analisar a produção do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR), que desde 2016 vem tematizando a formação estética para a docência na Educação Infantil. A abordagem narrativo-interpretativa assumida para a sistematização dos dados recorre ao levantamento de teses e dissertações produzidas pelo coletivo do FIAR entre 2017 e 2023. Dentre os 17 trabalhos (12 Dissertações e 5 Teses), “educação estética” ou “formação estética” aparecem como palavras-chave em 11 deles. Verificamos nas produções que a dimensão estética também é visibilizada na relação forma-conteúdo, tanto no movimento de discussão acerca da formação docente para a educação infantil, quanto na maneira de produzir-criar a pesquisa metodologicamente, bem como na sua apresentação. Notou-se, ainda, um movimento poético que atravessa múltiplas linguagens, aludindo a um movimento autoral que expõe raízes contra-hegemônicas: a estética como cuidado e refinamento dos sentidos, no diálogo com a arte, com a cultura e com a natureza, projetando outras formas de pensar-fazer formação docente para as infâncias.

Palavras-chave: Formação estética; Formação docente; Educação Infantil; Pesquisa sobre pesquisas; Arte e Pedagogia.

Abstract

Currently, we are witnessing considerable progress in legislation regarding Early Childhood Education, which affirms the concept of children as producers of culture, who appropriate the world and express themselves through multiple languages. This concept has its counterpart in teaching practice and, consequently, in education, whose artistic-cultural aspects, admittedly related to the aesthetic dimension, are decisive elements. But what does it mean to recognize the aesthetic dimension of education? This question underlies the



production of this article, which aims to analyze the production of the Study and Research Circle Teacher Training, Childhood and Art, which has been addressing aesthetic training for teaching in Early Childhood Education since 2016. The narrative-interpretative approach adopted for systematizing the data draws on a survey of theses and dissertations produced by the FIAR collective between 2017 and 2023. Among the 17 papers (12 dissertations and 5 theses), "aesthetic education" or "aesthetic training" appear as keywords in 11 of them. The productions also revealed that the aesthetic dimension is also visible in the form-content relationship, whether in the discussion surrounding teacher training for early childhood education, in the methodological approach to producing and creating research, or in its presentation. A poetic movement was also noted that traverses multiple languages, alluding to an authorial movement that exposes counter-hegemonic roots: aesthetics as care and refinement of the senses, in dialogue with art, culture, and nature, projecting other ways of thinking about and conducting teacher training for children.

Keywords: Aesthetic training; Teacher training; Early Childhood Education; Research on research; Art and Pedagogy.

Como uma introdução: na formação docente, acolher o corpo que suspeita o mundo

Na obra literária “Quando as cores foram proibidas” (Feth, 1998), o país que ficava entre as montanhas e o mar era governado por um velho presidente que desejava a felicidade da população. Por isso, as decisões que tomava levava em conta as pessoas e o que pensavam. O presidente sabia que um país feliz se (re)fazia em cores, sabores, sons e aromas em multiplicidade: “nas ruas, que pareciam um formigueiro, desfilavam vestidos, calças, saias, lenços e chapéus coloridos. Até as casas eram coloridas, tal como as flores e as borboletas” (Feth, 1998, p. 4). Um dia o presidente morreu. O outro presidente que tomou o seu lugar era bem diferente. Ambicioso e vaidoso, desejava tudo para si e proibiu todas as cores. Com a proibição, a população perdeu sua alegria e o país foi se tornando cada vez mais cinzento. Até solicitar que arrancassem flores, arbustos e árvores e que os sábios do reino impedissem o arco-íris de aparecer ele tentou! Todavia, não há mal que sempre dure... O país teve sua redenção, retomando suas cores e a alegria de seu povo, a partir da perspicácia e da coragem de uma velha que o enganou. Ele teve que escrever e assinar que as cores seriam permitidas novamente no país e que o povo poderia escolher o seu presidente. Foi o seu fim!

Considerando nossas andanças pelos territórios de formação inicial e continuada de professores(as), como docentes que somos, o enredo trazido pela literatura nos interpela: onde está a velha de coragem e a boa ousadia para saber-fazer a docência com crianças pelas vias da alegria e do encantamento? Muitas vezes, atuando com professores(as) em formação, notamos a perda da expressão criadora, a falta de emoção, o cinza recobrando a jornada da docência. Uma certa anestesia é observada em atitudes que revelam, também, o quanto literatura, música, dança, artes plásticas, teatro e outras tantas linguagens estão apartadas da formação e da prática pedagógica.

Quanto às propostas oferecidas àqueles e àquelas em formação, reconhecemos de longe, e tradicionalmente, a primazia da cognição, em detrimento da sensibilidade ativada com o/pelo corpo. São perspectivas que esquecem que o corpo, na sua inteireza, é aquilo que, como define um menino de oito anos, “serve para sentir” (Naranjo, 2019, p. 38). A criança, como o poeta, sabe que “Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo” (Queirós, 2009, p. 6-7). Pelas ações de suspeitar o mundo, pelos/com os sentidos, vamos (re)constituindo nossa sensibilidade estética: reconhecendo sons, experimentando movimentos, brincando, cantando, refinando olhares, ampliando repertórios vivenciais, travando relações com o mundo em toda sua pluridiversidade, na natureza, na cultura.

Então, refletimos: o que poderia acontecer se os cursos de formação docente acolhessem o corpo que suspeita o mundo em suas propostas? A pergunta é retórica, mas concordamos com a sabedoria do presidente daquele país vivificado pela literatura, que pautava suas ações na confiança de que, permitindo o convívio com uma profusão de cores, sabores, sons e aromas, a felicidade se enraíza na cidade e nas pessoas. Podemos dar um outro nome à felicidade: estesia, aquilo que mobiliza e fertiliza a vida.

Para tanto, há a necessidade de escutar professores e professoras, tecer movimentos educativos que toquem em lugares outros desses sujeitos, para além da cognição, mas tomando cognição e emoção como dimensões dialéticas na constituição do ser. Ademais, demandam movimentos formativos que articulem fazer e fruir arte como exercício de autoria e de poesia (Albano, 2014), o que consequentemente implica oportunizar tempo e espaço para experiências estéticas, no diálogo com a cidade, no deslocamento que permite o encontro com as manifestações culturais e artísticas, seja no museu, na rua, nas áreas verdes, parques, etc. Afinal, como pondera Freire (2011, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, e, de tal modo, a formação pode ser concebida como essa movimentação que, ao oportunizar brincar-criar para suspeitar o mundo, (re)faz da alegria e da boniteza um convite aos caminhantes para percursos de estesia.

A formação estética, em nosso entendimento, extrapola os limites de um conhecimento inteligível do mundo e não está restrita ao contato com a arte, pois “[...] não é apenas pela arte que ampliamos nossas formas sensoriais, que nos educamos esteticamente, mas com ela potencializamos a formação cultural, porta de entrada para outras tantas experiências” (Corrêa, 2023, p. 78). A dimensão estética, assumida como um elemento constitutivo de um projeto educacional-pedagógico comprometido com a formação humana em sua inteireza é uma das premissas para um trabalho que articule educação e arte de um modo geral e, especialmente, na formação docente para a Educação Infantil. Um processo que, concordamos, passa por “[...] provocar o desejo e a curiosidade, instigar a desconfiança do traço acostumado e das certezas absolutas, incentivar a ousadia de desenhar caminhos de busca e experimentação, afirmando autorias” (Ostetto, 2010, p. 41).

Assim, cabe nos questionarmos: como possibilitar processos formativos que se configurem, também, como contribuição ao exercício de uma docência que, no cotidiano com as crianças, observa, planeja, registra, documenta e avalia com inteireza, mobilizando saberes–fazer com múltiplas linguagens?

Na esteira da questão posta, projetamos uma análise da produção acadêmica do grupo de pesquisa ao qual nos vinculamos - Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR), da Universidade Federal Fluminense (UFF) -, haja vista que, desde sua criação, suas investigações temáticas estão relacionadas à formação estética, docência e infâncias, particularmente nos contextos da Educação infantil. De tal maneira, nesse território acadêmico-afetivo coletivo fazemos o exercício de abrir a “caixinha de guardar o tempo”ⁱ para (re)constituir histórias protagonizadas por muita gente que caminhou/caminha pelos círculos fiandeiros, o que só poderia ser realizado por meio de uma abordagem qualitativa, narrativo-interpretativa.

Vasculhando o tempo guardado na caixa de memórias, localizamos o ano de 2016 como o início do grupo e o ano de 2017 como marco de defesa dos dois primeiros trabalhos orientados no âmbito do FIAR e vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF (Silva, 2017; Bibian, 2017). Escutamos o tempo e seguimos vasculhando até 2023. Muitas são as produções do coletivo fiandeiro - artigos, capítulos de livro, organização de livros, trabalhos apresentados em eventos e outras elaborações, como a “Ocupação virtual poética” e os “Lampejos de formação estética”ⁱⁱ. Optamos pela análise de dissertações e teses defendidas no período de 2017 a 2023, considerando que poderiam revelar com maior profundidade as perspectivas teórico-metodológicas que marcam a produção fiandeira, na interface educação, arte e formação estética docente para as infâncias.

O percurso analítico-interpretativo foi conduzido pelas indagações: que elementos da pesquisa científica caracterizam as dissertações e teses produzidas pelo FIAR/UFF? Que marcas do sensível são vivificadas nessas pesquisas que estabelecem diálogos na fronteira entre Educação e Arte? Para a sistematização dos dados, traçamos alguns descritores, além de apontar autoria e data da defesa dos trabalhos: 1) foco temático; 2) palavras-chave; 3) objetivo do trabalho; 4) metodologia; 5) concepção de formação estética; 6) principais referências.

Em tal sistematização, apresentamos e problematizamos as narrativas das pesquisas localizadas, empreendendo uma leitura-análise a partir de autores(as) que têm mobilizado esforços para (re)pensar a formação de professores(as), pelos horizontes da formação estética no *tempoespaço* da Educação Infantil. Antes, porém, traçamos um retrato do FIAR, trazendo à luz algumas histórias.

Histórias do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR/UFF): urdidura de múltiplos fios e desejos

O ano era 2016. Na tarde primaveril do dia 04 de outubro, um grupo de professoras, no envolvimento de seus processos de investigação no mestrado em educação, entrelaçaram seus fios-estudos-pesquisas numa teia sensível de educação e arte, criando o tecido-FIAR. O grupo já vinha se reunindo, sob a orientação da mesma professora, todavia não tinha um nome, nem princípios declarados. Desde então não teria mais volta: teias e tramas entrelaçaram-se cada vez mais na busca por uma educação sensível, que considera essencial a formação estética de professores(as) das infâncias para um fazer poético, potencializando os aspectos artístico-culturais da docência.

Se tecer é o ato de criar tecido através da urdidura de fios, dispostos no tear, o Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte é o tecido que foi criado entrelaçando educação, arte e infância, narrativas autobiográficas, formação de professores(as), educação em museus, formação cultural de professores(as), formação estética docente.

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq em 25 de outubro de 2016, o FIAR investiga processos formativos e práticas pedagógicas no âmbito da Educação Básica, especialmente na Educação Infantil. Em diálogo com a arte, entrelaça formação de professores(as) e infância em ações de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, assume uma dinâmica circular e colaborativa, em diálogo permanente com as redes públicas de ensino e as ações do grupo envolvem, segundo sua coordenadora:

[...] estudos sobre a dimensão estética na formação, na prática docente e na pesquisa, articulados às perspectivas teórico-metodológicas advindas do campo da pesquisa (auto)biográfica. Desde sua criação, em 2016, essas são marcas da identidade de um grupo mobilizado pelo desejo de pensar-fazer pesquisa narrativamente, pelos territórios da educação e da arte, cuidando do conteúdo e da forma, reconhecendo a beleza e a sensibilidade como dimensões imprescindíveis da jornada (Ostetto, 2024, p. 143).

Desde sua formação inicial, participantes do círculo são reconhecidos como fiandeiras e fiandeiros. Professoras orientadoras, estudantes de mestrado e doutorado, pesquisadores(as) de pós-doutorado, estudantes de graduação (orientandas de monografia, bolsistas PIBIC e Extensão) e professoras da Educação Básica integram esse grupo que “preza o fazer artesanal [...] estuda, pesquisa e partilha saberes e fazeres sonhados e realizados no fluxo da vida acadêmica, entremeados pela ação criadora [...]” (Ostetto; Maia; Callai, 2023, p. 13).

Destacamos que uma característica importante do coletivo é o acolhimento de múltiplas linhas, o que amplia o encontro com diversos autores/teorias/linguagens, nos campos da

educação, arte, formação e Educação Infantil, portanto, mantendo o foco na dimensão estética pelos territórios da formação de professores(as) das infâncias. Ademais, o coletivo compreende que a estética pressupõe cuidado e que “é necessário voltar à própria percepção e colocar-se por completo nas relações, mostrar-se sensível diante das manifestações humanas” (Corrêa, 2024, p. 54-55), o processo de fazer-se grupo, no encontro da diferença, também projeta novas tramas e formas de partilhar saberes e conhecimentos. Nesta direção, e ao modo de tecer características constitutivas de suas dinâmicas de existência em círculo, julgamos importante sinalizar algumas ações efetivadas ao longo desses anos: a) *FIAR com...* - organizado como um projeto de extensão, tem o formato de encontros temáticos com professores(as) e gestores(as) das redes públicas, estudantes de graduação e de pós-graduação, comunidade interna e externa à UFF; b) *Seminário Rodas do FIAR* - congrega ações interinstitucionais, em diálogo com as produções acadêmicas do grupo, espaço aberto à participação de todos os interessados nas temáticas trabalhadas pelo coletivo. Foram realizados, até o momento, três seminários, com os seguintes temas: *Educação e Arte: reverberar reexistências* (I Rodas do FIAR, 2019); *Arte vida, vida arde: (re)existir na docência, com pesquisa e arte* (II Rodas do FIAR, 2023); *A Fala Insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá* (III Rodas do FIAR, 2025); c) Ciclo de Debates: Formação, Infância e Arte; d) Pesquisa interinstitucional Espaços de Formação Docente: Memórias e Narrativas Estéticas (2017-2019), desenvolvido por meio da parceria FEUFF e Escola de Belas Artes/UFMG, tendo por referência teórico-metodológica o “Ateliê Biográfico de Projeto” (Delory-Momberger, 2006); e) Projeto de colaboração Internacional - *A formação estética e cultural de professores para a Educação Infantil: Brasil e Portugal em diálogo*, desenvolvido com a Universidade de Évora (Portugal), por meio do Programa professor visitante no exterior (CAPES, 2018/2019).

Na época em que o mundo parou, por causa da pandemia de Covid-19, uma questão que atravessou o grupo foi: haveria possibilidade real de tecer encontros sensíveis no distanciamento, virtualmente? Apostando que sim, o FIAR manteve a conexão através das conversas pelas janelas virtuais, “termo que define um contexto – a janela, figurativamente um espaço de alargamento do contato e da visão –, e por fim, declara um modo de conexão – a virtualidade, o encontro próximo-distante mediado pela tecnologia digital” (Mello, 2021, p. 107). Foram realizadas as ações: a) “Fiar com o FIAR na quarentena” - movimento de ocupação-formação virtual que trazia um tema a cada dia da semana, tais como Museus, Educação e Arte, Literatura, Sons e Canções, Propostas de Educação Antirracista (maio a dezembro de 2020, via página do grupo no Facebook); b) *Ciclo de conversas do FIAR Tramas*

Afro-brasileiras: arte, mulheres, infância e culturas - projeto de extensão desenvolvido de maio a setembro de 2021, abarcou quatro encontros, no formato de *lives*, transmitidas pelo Facebook do grupo @fiar.pesquisa. Resistir às dores daquele período foi possível pela abertura às “histórias, sentidos e sensibilidades no encontro” (Maia; Ostetto; Callai, 2023, p. 198).

O caminho investigativo-formativo pelas narrativas (auto)biográficas, o uso de múltiplas linguagens para falar de si e a artesanaria tornaram-se marcas do FIAR, que reconhece a indissociabilidade entre forma-conteúdo e aponta “a necessidade de alargar os olhares e refinar os sentidos, tomando a beleza como elemento constitutivo do tecido da vida-vivida e, por isso, um articulador do sensível e do inteligível na pesquisa” (Ostetto, 2024, p. 153). E, assim, o grupo segue (con)fiando caminhos sensíveis de pesquisa e formação, articulando princípios éticos, políticos e estéticos para animar o mundo, cultivando a beleza que conduz ao reencontro com a *anima mundi* (Hillman, 2010).

Na produção científica do FIAR/UFF, diálogos sobre formação estética e docência na Educação Infantil

Aberta a caixinha de guardados, retiramos, com delicadeza e afetividade, os trabalhos do FIAR/UFF, produzidos no âmbito da pós-graduação, para então, com compromisso ético e político, analisar sentidos pelas lentes analítico-críticas. Buscando “[...] o tempo que melhor vivia” (Roscoe, 2023, p. 15), caminhamos por uma leitura inteira e atenta das Dissertações e Teses, sabendo que esse movimento permitiria colher memórias de agruras e belezuras da produção científica fiandeira, posto que fazer pesquisa na esteira da constituição de uma identidade de professor(a)-pesquisador(a) não é tarefa fácil e exige dedicação. Afinal, “a elaboração de uma pesquisa científica, principalmente na pós-graduação, implica um delinear claro e minucioso dos fundamentos teórico-metodológicos do estudo” (Oliveira-Neto; Fernandes; Rosa, 2021, p. 6).

Assim, as produções analisadas guardam histórias individuais e coletivas de um grupo que, no decorrer dos anos, pelas vias do aprofundamento teórico-metodológico, vai aperfeiçoando a jornada investigativa e/ou (re)elaborando modos de pensar e provocar o campo da Educação Infantil, reafirmando a centralidade dos princípios ético-estéticos. Vai vivendo movimentos de um saber-fazer pesquisa entre ensaios/apresentações, erros/acertos, andarilhando pelos meandros de uma metodologia errante, “um processo profundamente marcado pela escuta, pela espera e pela utilização de outras linguagens, envolto em busca e

mistério, justamente características da experiência estética” (Ostetto, 2019, p. 61). Movimentos que desafiam o atravessamento, em equilíbrio, de diferentes tempos: o cronológico, rigorosamente calculado, manipulado pela razão, sequencial (que indubitavelmente marca a pós-graduação brasileira) e o kairótico, uma espécie de tempo indeterminado, aberto para o novo, para a percepção do momento oportuno.

Nesse fluxo, aberto ao tempo oportuno, entre diálogos, silêncios, reflexões e deslocamentos por veredas que contribuíram para criar e consolidar modos próprios de fazer pesquisa, entre 2017 e 2023 foram produzidos 17 trabalhos, entre dissertações (D) e teses (T), defendidos no Programa de Pós-graduação em Educação da UFFⁱⁱⁱ (Tabela 1).

Tabela 1: Dissertações e Teses defendidas no FIAR/PPGED UFF entre 2017-2023.

D/T	Ano de defesa	Título	Autora/Campo de formação
D1	2017	De dentro pra fora, de fora pra dentro: itinerários de formação estética de professoras da educação infantil	Greice Duarte de Brito Silva Pedagogia
D2	2017	Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX	Simone Bibian Pedagogia
D3	2018	Quando a sabedoria as danças circulares sagradas toca a educação	Marina Luar de Souza Duvidovich Pedagogia
D4	2018	Arte, formação e docência na Educação Infantil: narrativas do sensível.	Carla Andrea Corrêa Pedagogia
D5	2018	Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca da alma na educação.	Cristiana Garcez dos Santos Seixas Psicologia
D6	2020	O que (quase) não se vê: olhares de infâncias na natureza.	Ana Clara Nimrichter Letras Português/Alemão
D7	2021	No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética	Graziela Ferreira de Mello Licenciatura em Educação Artística
D8	2021	Arte, infância e práticas pedagógicas na Educação Infantil: narrativas de professoras de Arte	Iasmim Cavalcanti Caballero Lira Artes Visuais
D9	2023	Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia	Amanda Lobôsko Pinto Pedagogia
D10	2023	Arte, pedagogia, formação docente: narrativas e travessias	Kamilla Da Silva Cunha Martins Pedagogia
D11	2023	Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana	Laís Vilela Gomes Pedagogia
D12	2023	Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: educação para as relações étnico-raciais na creche	Maria Helena Dantas Dos Santos Neves Pedagogia
T1	2020	Na profusão de gestos, os corpos falam	Patrícia Vieira Bonfim

		de modos de ser e de se relacionar na creche	Pedagogia
T2	2022	Ateliês de espaços efêmeros na formação estética docente: atravessamentos e ressonâncias	Vilma Justina da Silva Pedagogia
T3	2022	Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da educação infantil	Xênia Fróes da Motta Pedagogia e Educação Artística (História da Arte)
T4	2022	Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede	Simone Bibian Pedagogia
T5	2022	Poéticas negras, formação e prática docente na educação infantil: arte e estética (em)pretecidas	Greice Duarte de Brito-Silva Pedagogia

Fonte: Produção dos autores.

Pela tabela, que revela um maior número de dissertações, sobretudo no período de constituição do grupo, podemos notar ao longo dos anos a participação majoritária de sujeitos que se iniciam na pesquisa acadêmica advindos da Pedagogia ou das Artes e, na pós-graduação em educação, começam a realizar de maneira mais sistemática uma atividade de investigação, pelos territórios educativos da(s) infância(s) e/ou da formação de professores(as). O coletivo vai, então, assumindo uma postura política de pesquisa-formação de profissionais que, imbricados no cotidiano da prática pedagógica, sobretudo em creches e pré-escolas, desejam ser mais, valorando os espaços da universidade como potencializadores para (re)existir e (re)inventar a docência.

Ainda que o FIAR esteja firmado no território da educação das infâncias, é importante assinalar, não é um grupo que pesquise crianças e infâncias em suas especificidades, mas na relação da docência e da prática pedagógica. Neste quadro, as produções, em sua quase totalidade (14 trabalhos), se (re)afirmam nos limiares da formação de professores(as) das infâncias, o que é revelado também pelas palavras-chave empregadas pelas pesquisadoras (Tabela 2).

Tabela 2: Palavras-chave das Dissertações e Teses defendidas no FIAR/UFF entre 2017-2023.

D/T	Palavras-chave
D1	Educação Estética, Arte e infância, Narrativas autobiográficas, Formação de professores, Educação Infantil
D2	Arte e infância, Educação em museus, Educação Infantil, Educação Estética, Formação Cultural de Professores
D3	Danças circulares, formação docente, formação estética, educação intercultural
D4	Formação estética docente, Arte, Narrativas (auto)biográficas
D5	Formação de professores, Narrativas (auto)biográficas, Formação estética. Alma, Linguagens expressivas.

D6	Infância e natureza, Diário da Natureza, pesquisa com crianças, fotografia, brincadeira, imaginação, experiência estética.
D7	Formação estética na cidade, Cidade e memória, Infância e cidade, Formação de Professores, Narrativas Autobiográficas.
D8	Educação Infantil, Docência em arte na educação infantil, Formação estética, ateliê, Arte e Pedagogia
D9	Criança e Natureza, Pandemia, Narrativas autobiográficas docentes, Educação Infantil
D10	Pedagogia e Arte, Formação Estética Docente, Narrativas, Curso de Pedagogia.
D11	Formação estética docente, Território educativo-cultural, Narrativas (auto)biográficas, Educação Infantil, Caminhar.
D12	ERER e bebês, prática docente, dimensão estética, Educação Infantil, creche.
T1	Corpos, Creche, Professoras, Bebês, Formação Continuada
T2	Formação estética docente, espaços efêmeros de formação, educação infantil, Pedagogia e arte
T3	Arte na Educação Infantil, Dimensão estética do ambiente educativo, Conversa como dispositivo de pesquisa, Narrativas (auto) biográficas, Formação estética docente
T4	Educação museal, Educação Infantil e Arte, Formação Estética de Professores, Educação e novas mídias, Pesquisa na pandemia.
T5	Formação Estética Docente, Educação Infantil, Professoras Negras, Poética e Estética Negras, Abordagens (Auto) biográficas

Fonte: Produção dos autores.

No entanto, percebemos que as pesquisas estabelecem diálogos distintos para problematizar educação e arte, Educação Infantil e educação/formação estética, constituem aproximações para (re)pensar: educação em museus; linguagens expressivas; território educativo-culturais e outros. Em conexão, vão sendo colocados na roda essencialidades dos movimentos de formação estética de professores(as) da(s) infância(s), que tomam como marca conhecimentos éticos, políticos e estéticos. As produções D6, D12 e T1, por exemplo, embora não apresentem como foco investigativo a formação de professores(as) da(s) infância(s), tecem um conjunto de reflexões sobre a prática pedagógica na Educação Infantil. D6 foca a relação criança-natureza, em uma pesquisa que busca apreender as percepções das crianças com e sobre o mundo natural (Nimrichter, 2020); D12, buscando possibilidades para o trabalho com a educação para as relações étnico-raciais (ERER), versa sobre a docência com bebês, segue ao encontro de professoras que atuam com essa faixa etária, para conversar e analisar implicações e ressonâncias da articulação com a dimensão estética (Neves, 2023), e T1 pesquisa a relação corporal entre adultos e bebês no berçário, desvelando gestos e interações que falam de concepções de Educação Infantil e prática pedagógica na creche, apontando a necessidade da formação docente (Bonfim, 2020).

No conjunto essas produções revelam concepções que fundam a perspectiva coletiva no FIAR/UFF, atravessada pela ideia de que professores(as) constituem sua identidade docente pelos territórios de formação, profissionalização e trabalho docente, o que reflete um escopo de investigações que perpassam essas territorialidades, com predominância para a formação de professores(as) da(s) infância(s).

No horizonte do foco temático das investigações, conseguimos apreender que as pesquisas fiandeiras foram ao longo do tempo buscando especificidades, que se entrelaçam com a vida-formação das professoras-pesquisadoras, para compreender percursos de formação estética, como em D7 (Mello, 2021), D11 (Gomes, 2023), T4 (Bibian, 2022) e T5 (Brito-Silva, 2022). Aproximações com as territorialidades, na relação com as cidades e com os espaços museais foram descortinando novas camadas para problematizar/potencializar as reflexões críticas sobre educação/formação estética de professores(as) da(s) infância(s), como um discurso que implica pensar uma arte periférica/negra/contra-hegemônica da formação à prática pedagógica com as crianças; e, ainda, a presença de professores(as) em espaços culturais para saber e ampliar repertórios estético-culturais.

Destacamos ainda que um marcador importante nesse diálogo é a relação Educação e Arte estabelecida em primazia na produção fiandeira, na qual ao mesmo tempo em que ecoa um discurso por mais Arte nos espaços de formação de professores(as), denota uma prática pedagógica com as crianças que instaura uma vivência por/com múltiplas linguagens. Assim, ao abrir frestas, por meio de temas abordados em seus focos de investigação, essas pesquisas contribuem para reflexões sobre planejamento, registro e avaliação na Educação Infantil, na medida em que problematizam questões, como materiais e materialidades, *tempoespaço*, produção de observáveis por meio de fotografias, vídeos e/ou produções das crianças e outros.

Quanto aos objetivos delineados pelas investigações, compreendemos que são reveladores de um movimento de pesquisa que se (re)faz andarilho, provocador e acolhedor. Nessa ação, as professoras-pesquisadoras se colocam disponíveis para coletar e colecionar gestos, afetos, gentes, territórios e outros para compor uma grande exposição de essencialidades da vida-formação, o que inclui a prática pedagógica, que marcam a formação estética de professores(as) da Educação Infantil e até mesmo das crianças, como o caso de D2 (Bibian, 2017) e D6 (Nimrichter, 2020), investigados ao longo desses trabalhos.

Por tal, esses objetivos são marcados por verbos como conhecer, ouvir, identificar, mapear, (re)conhecer, discutir e analisar. A exemplo, citamos: D1 - “Conhecer as histórias de formação de professoras da Educação Infantil, para identificar e dar visibilidade à dimensão

estética constituída em seus percursos [...]” (Silva, 2017, p. 8); D3 - “[...] investigar a presença e o papel das danças circulares na vida de professoras que dançam [...]” (Duvidovich, 2018, p. 9); D4 - “Identificar e analisar sentidos da formação estética docente, no diálogo com a arte e a educação [...]” (Corrêa, 2028, p. 07); D5 - “[...] analisar contribuições de espaços poéticos, simbólicos e expressivos na formação de professores da Educação Infantil [...]” (Seixas, 2018, p. 03); D6 - “[...] investigar/conhecer as relações e percepções das crianças com e sobre a natureza na Educação Infantil (Nimrichter, 2020, p. 18); D9 - “[...] mapear experiências de professoras da Educação Infantil pública do município de Niterói, que aproximam crianças e natureza, no contexto da pandemia de covid-19, a partir de suas narrativas” (Pinto, 2023, p. 15); D10 - “[...] (re)conhecer oportunidades de formação artístico-culturais na travessia curricular de ex-estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (Martins, 2023, p. 9); T2 - “[...] analisar a contribuição da organização de ateliês de espaços efêmeros, como dispositivos de formação estética docente [...]” (Silva, 2022, p. 14); T3 - “[...] identificar fundamentos do trabalho com a arte nas salas de Educação Infantil (Motta, 2022, p. 8); T5 - “[...] analisar a contribuição da poética de artistas negras para a formação docente” (Brito-Silva, 2022, p. 136).

Por esse caminho, inferimos que as professoras-pesquisadoras se colocam não apenas como inquiridoras dos sujeitos de pesquisa, mas também de si e, ao moverem com inteireza, revelam seus trajetos de formação estética, sobremaneira tornando visível as experiências estéticas que lhes provocaram a ver-saber-sentir-ouvir o mundo com olhos de crianças. Princípios éticos, políticos e estéticos são, então, escancarados em narrativas de vida-formação, que negam certas ideias de neutralidade e espontaneísmo, que ainda rondam as fronteiras dos territórios acadêmicos, de pesquisa e formação, profissionalização e trabalho docente de professores(as) da(s) infância(s). Entretanto, essa perspectiva torna-se possível, porque as pesquisas caminham pelos horizontes da pesquisa (auto)biográfica, sobremaneira a partir de autores(as) como Antônio Nóvoa (1992, 2001, 2010), Maria da Conceição Passeggi (2010; 2011), Marie-Christine Josso (1999, 2010), Christine Delory-Momberger (2012; 2016), Pierre Dominicé (1988), Inês Bragança (2008; 2012); Luciana Ostetto e Rosvita Kolb-Bernardes (2015). O filósofo Walter Benjamin (1997) também fundamenta os percursos de investigação, sobretudo pela discussão sobre narrativa e rememoração, aspectos que atravessam a perspectiva das abordagens (auto)biográficas. Neste quadro conceitual, para a geração e a discussão dos dados biográficos, são utilizados dispositivos diversos, tais como: entrevistas narrativas,

conversas, ateliês biográficos, encontros-ateliês, memoriais de formação estética, inventários poéticos e pesquisa baseada em arte.

Reconhecemos, no contato com as teses e dissertações em toda sua extensão matériaca, que a beleza e a sensibilidade são fundantes do itinerário de formação narrados pelas autoras e dos modos de fazer suas pesquisas. Forma e conteúdo são marcas da identidade do FIAR/UFF, assim como as narrativas de si e do outro, seja no desenho teórico-metodológico que vai sendo assumido, criado e recriado em cada pesquisa, seja no modo de produzir os encontros que aproximam a Universidade e a Educação Básica, compromisso que o grupo assumiu desde sua criação. As abordagens autobiográficas inspiram as tessituras existenciais do círculo, como argumentam as pesquisadoras-fiandeiras, em livro organizado sobre as produções coletivas:

Tessituras de pessoas em processos de contínua (auto)formação, que puxam e trançam fios para novas, bonitas e sensíveis tessituras-conhecimento, as quais, acreditamos, precisam transitar, circular e enlaçar outros conhecimentos, encontrar novos parceiros de escuta e diálogo e, quem sabe, projetar-se em novas tramas (Ostetto; Maia; Callai, 2023, p. 15).

Embora esse caminho de pesquisa elucidado seja majoritário, não podemos nos esquecer de produções como a de D6, que se fundamenta “[...] na pesquisa-intervenção (Jobim; Souza, 2006) e na teoria dialógica (Geraldi, 2012), trazendo atenção às especificidades da pesquisa com crianças (Pereira, 2015) e à utilização de fotografias como dispositivo de geração de dados (Frangella; Motta, 2013)” (Nimrichter, 2020, p. 118); ou mesmo em T1 que, seguindo uma investigação de abordagem qualitativa, fundamenta-se em Lüdke e André (1986), para uma produção de dados sustentada na observação, guiando-se por uma “[...] aproximação compartilhada e reflexiva da pesquisadora com o campo ” (Bonfim, 2020, p. 95).

Quanto à concepção de formação estética margeada nas produções analisadas, podemos inferir que no início, nas primeiras dissertações, o grupo encontrava-se em processo de constituição desse conceito, que se apresentava de maneira incisiva no texto, evidenciando um caminho de necessária afirmação do princípio estético na produção científica do campo da Educação Infantil. Parece-nos que, nesse contexto, era fundamental demonstrar ampla compreensão teórico-prática da temática e, por isso, o quadro conceitual, nas primeiras pesquisas defendidas, erguia-se com certa rigidez, por assim dizer.

Quanto aos marcos teóricos que contribuem para os contornos do campo conceitual, encontramos Albano (2010), Galeffi (2007), Hermann (2005), Hillman (1993; 2010), Perissé (2009), Vecchi (2017), que são oriundos da Filosofia, da Arte e da Psicologia. No diálogo com esses autores e autoras, a discussão de princípios estéticos não ficaria circunscrita à “experiência

estética” ou à “educação estética”, mas se abre à “formação estética”, fato que projeta a questão para além de territórios demarcados. Destacamos também o encontro decisivo com o analista James Hillman (1993, 2010), que inspira percursos, desde a sua argumentação sobre a reação estética. As palavras do autor dão mostras de sua perspectiva:

Você prende a respiração e fica imóvel. Essa inspirada momentânea, esse pequeno arfar, essa reação de aahhhhh é a resposta estética [...]. Além disso, essa inspirada momentânea é também a própria raiz da palavra estética, em grego *aisthesis*, que significa sensopercepção. *Aisthesis* se liga aos *aiou* e *aisthou* homéricos, que significam “Eu percebo” e também “Eu ofego, luto por inspirar” e a *aisthomai*, *aisthanomai* “Eu inspiro”. (Hillman, 1993, p. 137).

Neste sentido, salientamos que a reação estética se insinua na surpresa que nos toma de assalto, ocasionando a respiração entrecortada, com expressões de espanto que nossos sentidos externam. Os significados envolvidos na palavra estética, além de sensopercepção, uso corrente advindo do vocábulo grego *aesthesis*, são escavados pelo autor. Nessa busca, Hillman (2010) assinala sua relação com a ação de inspirar, absorver ou conduzir o mundo para dentro, como um ato cordial, que passa primeiro pelo coração, em direção contrária às considerações meramente mentais. Trazer o mundo para dentro, como seria? “Primeiro significa aspirar ou inspirar as apresentações literais das coisas profundamente. A transfiguração da matéria acontece pelo maravilhamento” (Hillman, 2010, p. 49).

Com esses referenciais, é relevante destacar que já nas primeiras produções, como D1 e D6, percebemos que se projetavam horizontes teóricos que alargavam a compreensão de formação estética docente, ao indicarem que não apenas a apreciação de uma obra de arte, mas também a experiência com a natureza, desde a contemplação de paisagens, até o desfrute de espaços e elementos naturais, como quintais, podem se constituir percursos de formação estética do sujeito. A medida em que possibilitam a ativação dos sentidos, podem contribuir para o cultivo e/ou ampliação de sua sensibilidade estética. Ao escutar professoras das infâncias, sobre seus itinerários de formação (do) sensível, as autoras identificam a natureza e as expressões culturais, além da arte em sentido estrito, como elementos decisivos para o refinamento do olhar, do ouvido, do paladar, entre outros sentidos, desde as infâncias (Silva, 2017; Bibian, 2017; Corrêa, 2018).

Nos trabalhos seguintes, sobretudo a partir dos anos 2020, percebemos que a concepção de formação estética passou a emergir de forma mais integrada e orgânica na sistematização dos trabalhos. Esse movimento se relaciona, certamente, com as questões de pesquisa, os desafios e os saberes que as novas orientandas traziam, com o aprofundamento dos estudos, ampliando-se referenciais, a aproximação mais amiúde com pesquisadoras situadas no campo

da Arte, assim como a pesquisa de pós-doutorado da líder do grupo, e seus desdobramentos na produção acadêmica (Ostetto, 2019a; Ostetto; Folque, 2021; Ostetto; Folque, 2021a).

Se, de um modo geral, já nas primeiras pesquisas, é evidenciada a compreensão de que arte é conhecimento, é também evidente que o diálogo entre Arte e Educação, como campos distintos, privilegia o olhar desde a Pedagogia, haja vista que as pesquisas estão situadas no âmbito de um programa de pós-graduação em educação e as questões investigadas se relacionam com a formação docente para a Educação Infantil, ou seja, a formação do(a) professor(a)-pedagogo(a). O aprofundamento mostra-se, por exemplo, em D8, que em 2020 pesquisou especificamente a docência em arte na Educação Infantil, trazendo à discussão as relações entre Arte e Pedagogia, a partir da escuta de professoras de arte que atuavam em unidades de Educação Infantil que contavam com esse profissional (Lira, 2020).

Desde esses pontos em destaque, presentes nos trabalhos iniciais, no movimento capturado na análise dos dados, um refinamento do enunciado sobre formação estética e sua relação com a arte faz-se notar, acompanhado de diálogos teóricos que se abrem a outros referenciais. Há, nesse horizonte, uma perspectiva de aprofundamento que leva a enunciados mais apurados, sem significar um domínio integral do conhecimento no campo pesquisado. Ao convergir com a crítica aos valores universais, perspectiva mobilizada também pela exigência legal de incluir a educação para as relações étnico-raciais, tanto nos currículos de formação docente, quanto na prática pedagógica em creches e pré-escolas, afigura-se-nos que as pesquisas produzidas no FIAR/UFF têm ampliado as reflexões em direção à estética decolonial como ato pedagógico, em muito a partir do diálogo com autores latinoamericanos, como Adolfo Albán Achinte (2013; 2017); Gómez e Mignolo (2012), Mignolo (2010), pesquisadores integrantes do grupo modernidade/colonialidade, que põem em xeque visões hegemônicas e eurocêtricas, a partir da crítica ao sistema estabelecido de poder e seus modos discursivos, que marcam a colonialidade do ser, do sentir, do pensar, impregnada no imaginário social.

Representativa dessa ampliação de diálogos, em direção às estéticas decoloniais, é uma das últimas teses analisadas no período contemplado no presente estudo. Ao discutir a formação estética docente acolhe entre suas interlocutoras professoras negras e, sustentada na poética e estética negras, T5 mergulha naqueles referenciais da opção decolonial já citados. São as interpelações do real que exigem outros caminhos teóricos. Citamos a autora:

Para esta investigação foi necessário ampliar os estudos acerca do conceito de estética e de arte. Buscava-se um significado para além do que consagra a produção intelectual européia-ocidental de séculos, que para além de um processo civilizatório, deixou-nos um rastro de subordinação, exclusão e morte por mais de quinhentos anos. Faz todo sentido rever os referenciais conceituais, tendo em vista a produção de uma teoria que

valoriza a existência de negras e negros e da vida em diversidade. Por isso, outras perspectivas foram consideradas [...]. (Brito-Silva, 2022, p. 68).

Como pondera o pesquisador, artista e ativista afrocolombiano Albán Achinte (2017), está posto o desafio de buscar outras concepções do estético, de modo a acolher e potencializar narrativas autorais, distanciadas da imposição de imagens construídas pela colonialidade do ser, cuja lógica nega a experiência de vida, valorizando produtos e não processos. Diz o referido autor: “Lo decolonial de lo estético nos reta a desprendernos de las narrativas que nos niegan la existencia y nos exige apuntar a reconocer los procesos antes que encasillarnos en los productos” (Albán Achinte, 2017, p.36). Cultivar essa perspectiva, nos caminhos de pesquisa, é entrecruzar teorias e práticas insurgentes, em direção ao reconhecimento das epistemes historicamente silenciadas. Como atitude reflexiva e contínua que interroga o sentido de humanidade, o decolonial do estético permite que “la imaginación habla a favor de nuestra propia subjetividad”. A formação estética, portanto, como um ato que interpela as narrativas de exclusão e imagina/cria outras formas de narrar-se e de re-existir (Brito-Silva, 2022).

Na investigação acerca da formação estética na constituição de professores(as) da Educação Infantil, o FIAR/UFF tem cultivado, com rigor e sensibilidade, o gesto de semear experiências, tecendo pesquisa, prática pedagógica, escuta sensível e reflexão com profissionais que atuam em creches e pré-escolas. Deste movimento, a “formação estética” emerge como alicerce da prática pedagógica, manifestando-se no ato criador, na (re)invenção cotidiana e na valorização da complexidade do mundo.

Assim, podemos afirmar que a sensibilidade, longe de ser alegoria, é parte constitutiva da tarefa educativa-docente, implicando coragem para deixar-se afetar e disponibilidade para recriar-se no diálogo com a arte, a imaginação e as múltiplas linguagens, lado a lado com as crianças.

Sobre (guar)dados em relação estética: considerações finais

Ao vasculhar a caixinha de (guar)dados da produção do FIAR, encontramos pesquisas marcadas pelo compromisso com a Educação Infantil e com a formação de seus profissionais, que por sua vez, posicionam-se em defesa do direito das crianças a uma educação de qualidade. A concepção de formação estética docente coloca-se não apenas como um marco teórico, que ao longo dos anos o grupo foi refinando, mas também como um modo outro de experimentar a vida, de fazer educação das infâncias, formação e pesquisa, produzindo conhecimento

dialogicamente, no encontro com o outro. Por sua vez, o diálogo com os aportes teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica tem permitido um percurso de produção científica que se coloca à escuta de professores(as) com o corpo todo, com sensibilidade e disponibilidade, conversando com eles/elas, para (a)colher suas narrativas, reconhecendo seus saberes.

O exercício de voltar-se para si seria análogo a uma exploração de outras dimensões, um exercício do sentir e de pensar para melhor discernir, fazer escolhas, distanciar para aproximar. Pressupõe um tempo diferenciado, que permita a parada, a atenção, a circulação e a captura de significados e de ligações com outras experiências. Abrir esse espaço-tempo para o diálogo interno pode atuar no despertar ou refinar dos sentidos: fomentar o cultivo da alma, aproximar consciente e inconsciente, cultura e subjetividade. (Ostetto; Seixas, 2021, p. 08).

Na interseção entre Educação e Arte pelos canais da narrativa de experiências (de si e *outrem*), o círculo fiandeiro abre frestas para outros possíveis - na pesquisa, na formação e na prática docente. As concepções presentes nas produções fiandeiras tramam um conjunto de fios de experimentações individuais e coletivas que vão configurando conhecimentos fundantes do ser professor(a) na Educação Infantil. Pensar a formação estética docente, como enunciam as fiandeiras, “[...] pressupõe um convite à imaginação e à criatividade, mexer com o corpo e a alma, abrindo um caminho para o conhecimento de si, (re)animando sua vida” (Corrêa, 2018, p. 68); implica articular “[...] possibilidades de contribuir e/ou potencial o exercício de suspeitar/sentir o mundo, de inspirar ares que oxigenem modos de ser, de ver, de sentir, de fazer-pensar a prática docente [...]” (Ostetto; Folque, 2021, p. 256); exige compreender que “[...] a formação estética é tecida na singularidade da vida dos sujeitos, nas formas dos encontros de cada um com a arte, pela cultura e pela natureza, pela presença de experiências que alimentaram o ser poético” (Silva, 2022, p. 155).

Percebemos que o conjunto amplo das investigações fiandeiras, na materialidade das Dissertações e Teses analisadas, sinaliza a possibilidade de tornar visível movimentos estético-culturais na formação de professores(as) e na prática pedagógica. Também nos permite vislumbrar que há caminhos para novas e oportunas pesquisas, para aqueles e aquelas que se aliam à coragem para seguir desvelando espaços de criação e cultivando tempos para a estesia na educação. Conceitualmente, identificamos um deslocamento da centralidade da razão para uma ética e estética da sensibilidade, aberta ao encontro e à diversidade, livre de modelos desencantados pela modernidade. Nesse sentido, a formação estética não apenas complementa a ética docente, mas a amplia, oferecendo fundamentos para o acolhimento da imprevisibilidade, da pluralidade e da alteridade, conforme diálogo com Hermann (2005).

Por fim, frisamos que a indissociabilidade entre ética e estética como eixos fundantes da formação de professores(as) na contemporaneidade pode ser enunciada como a concepção que estrutura a busca teórico-metodológica fiandeira que, seguindo trilhas teórico-metodológicas pelas veredas das abordagens narrativas e (auto)biográficas, perscruta indícios de tempos, lugares e acontecimentos que marcam possibilidades e limites da experimentação sensível, no encontro, ou desencontro, de professores(as) com a arte, a natureza e a cultura, de corpo inteiro.

Referências

- ALBÁN ACHINTE, A. *Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos*. In: WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniais: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- ALBÁN ACHINTE, A. *Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. 1a ed. Buenos Aires: Del Signo, 2017.
- ALBANO, A. A. Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 26 - 39. 2010.
- ALBANO, A. A. O aprendizado que vem das fontes. In: OSTETTO, L. E. *Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.
- BIBIAN, S. *Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15411>.
- BIBIAN, S. *Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/27242>.
- BONFIM, P. V. *Na profusão de gestos, os corpos falam de modos de ser e de se relacionar na creche*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16213>.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 244, p. 18, 18 dez. 2009.
- BRITO-SILVA, G. D. de. *Poéticas negras, formação e prática docente na educação infantil: arte e estética (empre)tecidas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27665>.
- CORRÊA, C. A.; OSTETTO, L. E. Sobre formação estética e docência: as professoras de Educação Infantil desejam mais arte!. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 4, n. Especial, p. 23-37, 2018.

- CORRÊA, C. A. *Arte, formação e docência na educação infantil: narrativas do sensível*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15682>.
- CORRÊA, C. A. *Formação estética e docência na Educação Infantil: conversas ao pé da árvore*. Curitiba: CRV, 2024.
- DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- DUVIDOVICH, M. L. S. *Quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15850>.
- FETH, M. *Quando as cores foram proibidas*. São Paulo: Brinque-Book, 1998.
- GOMES, L. V. *Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531>.
- GÓMEZ, P. P.; MIGNOLO, W. *Estéticas decoloniales*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.
- HERMANN, N. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HILLMAN, J. *Cidade & alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HILLMAN, J. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas, SP: Verus, 2010.
- LIRA, I. C. C. *Arte, infância e práticas pedagógicas na Educação Infantil: narrativas de professoras de Arte*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27796>.
- LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Org.). *Arte, Infância e formação de professores: autoria e transgressão*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 11-24.
- MAIA, M.; OSTETTO, L. E.; CALLAI, C. Encontros em presença e em janelas virtuais, para fiar conhecimentos, tecer experiências. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C.. *Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.
- MARTINS, K. da S. C. *Arte, Pedagogia e Formação Docente: narrativas e travessias*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32389>
- MELLO, G. *No álbum da memória: A cidade, a infância de professoras e a formação estética*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/23774>.
- MIGNOLO, W. *Aiethesis Decolonial. Calle 14*. V. 4, nº. 4. p. 10-25. Enero-junio, 2010.
- MOTTA, X. *Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/27962>.
- NARANJO, J. (Org.). *Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças*. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2019.

NEVES, M. H. D. dos S. *Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: educação para as relações étnico-raciais na creche*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32392>.

NIMRICHTER, A. C. *O que (quase) não se vê: olhares de infâncias na natureza*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15569>.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA-NETO; J. F.; FERNANDES, R. A. C.; ROSA, D. E. G. (In)Coerências entre opções metodológicas e objetivos em pesquisas sobre professores(as). *Revista Profissão Docente*, Uberaba-MG, v. 21, n. 46, p. 1-18, 2021.

OSTETTO, L. E. Para encantar, é preciso encantar-se: Danças circulares na formação de professores. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 30, n. 80, p. 40-55, jan./abr. 2010.

OSTETTO, L. E. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Org.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

OSTETTO, L. E. (Con)fiar a dimensão estética pelas trilhas (auto)biográficas: narrativas de um círculo de pesquisa. In: SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M.; KOLB-BERNARDES, R. *Redes de pesquisa e movimentos insurgentes*. Curitiba: CRV, 2024 (p.143-157).

OSTETTO, L. E. Esse in anima: formação docente em deslocamento. Trabalho Encomendado - 39ª Reunião Nacional da ANPEd GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Niterói/RJ, 2019.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 161-178, jan./abr. 2015.

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A. Professoras em formação e imagens de obras de Arte: encontros, olhares e narrativas de si. In: FURTADO, R. M. M. (Org.). *Pensar o ver*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021 (p. 255-280).

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. da A. Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e75592, 2021a.

OSTETTO, L. E.; SEIXAS, C. G. S. Jung, Hillman e a educação: por outras lógicas na formação docente. *Educação*, Santa Maria, v. 46, p. 1-25, 2021.

OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. Apresentação – Tessituras de um grupo de pesquisa. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. *Formação, Educação e Arte: tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2008.

PINTO, A. L. *Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32529>.

QUEIRÓS, B. C. *Os cinco sentidos*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2009.

ROSCOE, A. *Caixinha de guardar o tempo*. São Paulo: Editora Gaivota, 2012.

SEIXAS, C. G. dos S. *Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca da alma na educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15707>.

SILVA, G. D. B. *De dentro pra fora, de fora pra dentro: itinerários de formação estética de professoras da educação infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15206>.

SILVA, V. J. *Ateliês de espaços efêmeros na formação estética docente: atravessamentos e ressonâncias*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26871>.

ⁱ A expressão remonta a obra literária “Caixinha de guardar o tempo”, de Alessandra Roscoe, com ilustrações de Alexandre Rampazo.

ⁱⁱ As elaborações poéticas “Ocupação virtual poética” e “Lampejos de formação estética”, foram produzidas a convite do GT 7 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos, da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped), para a abertura do I e II Diálogos do GT07 da Anped com a Educação Infantil, respectivamente em 2020 e 2022. As séries de vídeos estão disponíveis no Canal do Youtube do GT 07 da Anped.

ⁱⁱⁱ Todos os 17 trabalhos, entre teses e dissertações, foram orientados pela professora Luciana Esmeralda Ostetto.